

O QUE É O INFERNO

DOCTRINA DA IGREJA CATÓLICA

As almas dos que morrem em estado de pecado mortal vão ao inferno (de fé)

«Morrer em pecado mortal sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus é a mesma coisa que morrer separado d'Ele para sempre, por livre escolha própria. E é este estado de autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa pela palavra «inferno». Catecismo da Igreja Católica nº 1033.

«A doutrina da Igreja afirma a existência do inferno e a sua eternidade. As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente depois da morte, aos infernos, onde sofrem as penas do inferno, «o fogo eterno». A principal pena do inferno consiste na separação eterna de Deus, único em quem o homem pode ter a vida e felicidade para que foi criado e a que aspira» Catecismo da Igreja Católica nº 1035.

Quem até ao último instante da sua vida na terra rejeita o amor e a misericórdia de Deus e morre em pecado mortal separa-se de Deus para sempre. O inferno aparece então como a «última consequência do próprio pecado, que se vira contra quem o cometeu. É a situação em que se coloca quem rejeita a misericórdia do Pai, também no último instante da sua vida... O inferno é o lugar de pena definitiva, sem possibilidade de retorno ou de mitigação do sofrimento. cf Lc 16,19-31» João Paulo II, Audiência Geral de 28 de Julho de 1999.

Jesus ameaça os pecadores com o castigo eterno do inferno. Chama-lhe Geena (Mt 5,29s;10,28;23,15 e 33;Mc 9,43,45 e 47; Originariamente significa vale de Ennom), geena de fogo Mt

5,22;18,9; geena aonde o verme não morre nem o fogo se extingue Mc 9,46s; fogo eterno ;Mt 25,41; fogo inextinguível Mt 3,12; Mc9,42; forno de fogo Mt 13,42 e 50; Suplicio eterno Mt 25,46. Ali existem trevas Mt 8,12; gritos e ranger de dentes Mt 13 42 e 50; 24,51; Lc 13,28. S. Paulo dá o seguinte testemunho: “esses [os que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho] serão castigados a ruína eterna, longe da face do Senhor e da glória do seu poder» 2 Tess 1,9; cf Rom 2, 6-9; Heb 10, 26-31.

Segundo Ap. 21,8 os ímpios [os sem Deus na Sagrada Escritura] terão a sua parte no **«lago de fogo e de enxofre... Aí serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos»** Ap. 20,10; cf 2 Pd 2,4 **«Com efeito, Deus não poupou os anjos que pecaram mas, precipitando-os no Inferno, entregou-os a um fosso de trevas...»**; Lc 12,4-5. **“Não temais os que matam o corpo e depois nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem o poder de lançar na Geena. Sim, eu vo-lo digo, a esse é que deveis temer.»**

No início do séc. II, S. Inácio da Antioquia (110 DC) afirma: «Todo aquele que pela sua péssima doutrina, corromper a fé de Deus pela qual foi crucificado Jesus Cristo, irá ao fogo inextinguível, ele e aqueles que o escutam» (Eph 16,2).

A Igreja ao longo dos séculos definiu dois elementos no suplicio eterno do inferno: A "pena de dano" (suplicio da privação) e a "pena dos sentidos" (suplicio dos sentidos). A "pena de dano" é o que constitui propriamente a essência do castigo do inferno e consiste em ver-se privado da visão de Deus e de todos os bens que se seguem dela; cf Mt 25,41 “Apartai-vos de mim, malditos!»; Mt 25,12 “não vos conheço».

A "pena dos sentidos" consiste nos tormentos causados externamente pelos meios sensíveis. A Sagrada Escritura fala com frequência do fogo do inferno, aonde são lançados os condenados; designa o inferno como um lugar aonde reinam os gritos e ranger de dentes, imagem de dor e desesperação.

O Magistério da Igreja nunca se pronunciou abertamente sobre a natureza do fogo do inferno, mas a maior parte dos padres, escolásticos e quase todos os santos e teólogos supõem a existência de um fogo físico ou agente de ordem material, ainda que insistem que a sua natureza é distinta do fogo atual.

A ação do fogo físico, sobre os seres puramente espirituais a explica S. Tomas de Aquino - seguindo o exemplo de S. Agostinho e S. Gregório Magno - como sujeição dos espíritos ao fogo material que é instrumento da Justiça Divina. Os espíritos ficam sujeitos desta maneira à matéria não dispendo de livre movimento; Supl. 70,3.

É impressionante, mas é de fé, que a pena de sentido principal consiste no tormento do fogo e que este não é metafórico, mas verdadeiro e real, apesar de desconhecermos a natureza do mesmo. De qualquer natureza que seja o fogo do inferno atormenta não somente as almas dos condenados, mas também atormentará os corpos após a ressurreição final.

O fato que o fogo do inferno atormenta as almas e após a ressurreição final os corpos é uma verdade de fé! Consta claramente na Sagrada Escritura que os demônios padecem a pena do fogo (Mt 25,41) e o mesmo as almas separadas (Lc 16,24). A Igreja definiu que "as almas dos que morrem em pecado mortal descem imediatamente ao inferno, aonde são atormentadas com penas infernais» Dz 531

S. Afonso Maria de Ligório afirma "...e ainda diz algum insensato: " Se vou para o inferno, não irei só..." Infeliz! Quantos mais réprobos haja ali, maiores serão os teus tormentos. Ali - diz S. Tomás - a companhia dos outros condenados não alivia, antes aumenta a infelicidade comum. Muito mais sofrerão, sem dúvida, pela fetidez asquerosa, pelos lamentos daquela multidão desesperada e pela estreiteza em que se encontrarão amontoados e oprimidos, como ovelhas em tempo de inverno (Sl 48,15), como uvas prensadas no lagar da Ira de Deus (Ap 19,15).

Padecção do tormento da imobilidade (Ex 15,16). Tal como cai o condenado no inferno, assim há de permanecer imóvel, sem que lhe seja dado mudar de local nem mover uma mão ou pé enquanto Deus seja Deus.» Preparação para a Morte, cap.26, Das penas do inferno.

Diz a Sagrada Escritura: ***"Quando o rei entrou para ver os convidados, viu um homem que não trazia o traje nupcial. E disse-lhe: "Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?" Mas ele emudeceu. O rei disse, então aos servos: Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.» Mt 22,11-13; "É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo» Heb 10,31; "Então o Rei dirá também aos da esquerda: Apartai-vos de mim, malditos para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. E estes irão para o tormento eterno; mas os justos, para a vida eterna» Mt 25,41,46***

Muitos infelizes minimizam as palavras de Cristo porque segundo eles a Justiça Divina deveria ser do tamanho da sua tacanha inteligência e fazem de Deus um "super-homem" ou um "um deus à imagem da terra"... Esquecem-se que a Majestade de Deus e a sua Santidade são infinitas e que o pecado é o

supremo dos males. A todos os infelizes que não querem pensar na Justiça divina para poderem continuar a pecar, aplica-se a máxima de Eusébio de Cesareia:

“Infeliz daquele que agora se ri do inferno porque deverá experimentá-lo pessoalmente antes mesmo de crer nele»

O inferno é um lugar de tormentos (cf Lc 16, 19-31) é o conjunto de todos os males sem mistura de bem algum e sem fim; ou como dizia S. Pio X ***“o inferno é o sofrimento eterno, que consiste na privação de Deus, nossa felicidade, e no fogo com todos os outros males sem bem algum.”***

O PECADO MORTAL

«Deus não predestina ninguém para o inferno. Para ter semelhante destino, é preciso haver uma aversão voluntária a Deus (pecado mortal) e persistir nela até ao fim.» Catecismo da Igreja Católica nº 1037

«...Que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.» 1Tim 2,4

O que é o pecado?

O pecado é «uma transgressão voluntária da Lei de Deus».

Supõe sempre 3 elementos essenciais:

Matéria Proibida ou ao menos estimada como tal.

Advertência por parte do entendimento, isto é, conhecimento que a matéria é grave.

Consentimento ou aceitação por parte da vontade, isto é, querer o mal, sabendo que é mal e que é grave.

Se a matéria é grave e a advertência e o consentimento são plenos, comete-se pecado mortal. Só se comete pecado mortal quando se peca em matéria grave. Mas também se requer que se conheça claramente que se trata de uma coisa grave e que se consinta plenamente. Só comete pecado mortal quem peca voluntariamente, isto é, com pleno conhecimento e inteiro consentimento, em matéria grave. Sem liberdade não existe pecado.

Segundo S. Tomás de Aquino o pecado é «um ato pelo qual nos afastamos de Deus, nosso último fim, prendendo-nos livre e desordenadamente a qualquer bem-criado» (S. Thom. I,II, q.71-73).

E diz-nos Santo Afonso Maria de Ligório, na sua preparação para a morte, cap. 26, das penas do inferno: «Dois males comete o pecador quando peca: abandona Deus, Bem infinito e entrega-se às criaturas.

«Porque o meu povo cometeu um duplo crime: abandonou-me a Mim, nascente das águas vivas, e construiu cisternas para si, cisternas rotas, que não podem reter as águas» (Jr 2,13).

E porque o pecador se entregou às criaturas, com ofensa a Deus, justamente será atormentado no inferno por essas mesmas criaturas, fogo, e os demônios; esta é a pena de sentido. Mas como a sua maior culpa, na qual consiste a maldade do pecado é afastar-se de Deus, a pena maior que há no inferno é a pena de dano, o carecer da vista de Deus e tê-lo perdido para sempre». (cf Antonio Royo Marin, Teologia da Perfeição Cristã, acerca do pecado mortal)

O pecado Mortal é um mal gravíssimo - o supremo dos males - pois Deus o castiga terrivelmente. Porque tendo presente que Deus é infinitamente justo não pode infligir aos culpados um

castigo maior do que merecem; e que é infinitamente misericordioso e que por sê-lo, castiga sempre os culpados menos do que merecem, pois tempera o rigor com a Bondade.

É necessário, pois, que o pecado seja a suprema abominação, para ser punido tão rigorosamente.

Assim por um só pecado mortal:

Milhões de anjos do paraíso converteram-se em horríveis demônios para toda a eternidade.

Expulsou do paraíso aos nossos primeiros pais e submergiu a humanidade num mar de lágrimas, doenças, guerras e morte.

Manterá por toda a eternidade no fogo do inferno em castigo os culpados a quem a morte surpreendeu em pecado mortal. É de fé.

O Verbo de Deus, Jesus cristo, o Filho muito amado, em quem o Pai coloca todas as suas complacências (Mt 17,5) quando quis ser fiador do homem culpável teve de sofrer os terríveis tormentos da paixão e, sobretudo experimentado em si mesmo - enquanto representante da humanidade pecadora - a indignação da justiça divina, até ao ponto de fazê-lo exclamar no meio de uma dor incompreensível : **“Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonas-te?”** Mt 27,46.

A razão de tudo, isto é, porque o pecado é uma injúria tremenda, contra Deus, cuja majestade é infinita e existe uma distância infinita entre Deus e a criatura. Ora tendo em conta a dignidade de Deus que é infinita, o pecado encerra em si uma malícia, de certo modo infinita, porque a dignidade do ofendido é infinita.

Daí o castigo terrível que pesa sobre o pecador, quando este livremente escolhe o pecado por malícia. **Em lugar de amar e**

adorar o Criador, ama e reverencia as criaturas e as coisas criadas fora do seu Criador e da sua Lei, porque aspira a ser «como Deus», isto é, a ser "livre" fora do seu Criador, estabelecendo ele as «leis» pelas quais quer existir, na sua sede de prazer e liberdade. Isto é, quer ele próprio ser deus, pois quer definir o que deve ou não deve fazer e dessa forma cai na velha tentação do Diabo ***«Não, não morrereis; Porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal»*** (Gn 3,4).

O homem é criatura de Deus e como tal deve obedecer, pois se têm algo de bom, deve-o ao seu Criador. Mas na sua soberba, este para não ser confrontado com o seu crime de desobediência às leis do seu Criador - que é uma lei de amor e foi colocada para garantir a felicidade de todos e não só de alguns - opta por fazer-se a si mesmo de deus e definir o que é bem e o que é mal. O pecado pressupõe uma ingratidão espantosa, pois por ele, o homem usurpa os direitos divinos de honra e glória, substituindo-se a Deus. Que aquele que é menos que um átomo, se ensoberbeça perante o Criador Supremo de tudo e de todos, é o supremo dos males e merece o supremo dos castigos: o inferno.

«Todo aquele que permanece em Deus não se entrega ao pecado; e todo aquele que se entrega ao pecado não o viu nem o conheceu... quem comete o pecado é do diabo, porque o diabo peca desde a origem. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo... Nisto é que se distinguem os filhos de Deus e os filhos do diabo» (1Jo 3,6-10).

«Se alguém vir que o seu irmão comete um pecado que não leva à morte, peça, e dar-lhe-á vida. Não me refiro aos que cometem um pecado que não leva à morte; é que existe um pecado que conduz à morte; por esse pecado não digo que se reze. Toda a

iniquidade é pecado, mas há pecados que não conduzem à morte» (1Jo 5,16-17).

Logo, segundo S. João existe um pecado que conduz à morte! É a este pecado que conduz à morte eterna da alma, que a Igreja, desde o início da era cristã, chama o **«pecado mortal»** - porque dá a morte à alma, fazendo-a perder a graça santificante que é a vida da alma como a alma é a vida do corpo. Aliás já dizia S. Paulo ao Hebreus **«Pois, se pecarmos voluntariamente e com pleno conhecimento da verdade, já não há sacrifícios pelos pecados. Aguarda-nos apenas um julgamento tremendo e o ardor de um fogo que consumirá os adversários.»** (Hb. 10,26-27).

Eis os efeitos que o pecado Mortal produz na alma do pecador:

1. Perda da graça santificante, das virtudes infusas e dons do Espírito Santo. Supressão do influxo vital de Cristo, como o sarmento separado da vide. Priva a alma da graça de Deus e da amizade de Deus.
2. Perda de presença amorosa da Santíssima Trindade na alma.
3. Perda dos méritos adquiridos em toda a vida passada e torna-a incapaz de adquirir novos.
4. Feíssima mancha na alma «mácula animae» que a deixa tenebrosa e horrível, à visão divina.
5. Torna a alma escrava de Satanás, aumento das más inclinações e remorsos de consciência.
6. Fá-la merecer o inferno e também os castigos desta vida. O pecado mortal é o inferno em potência. É um verdadeiro suicídio da alma e da vida da graça de Deus em nós.

A Eternidade do Inferno

As penas do Inferno duram por toda a eternidade (de Fé)

O capítulo Firmiter do concílio de Laterão (1215) declarou: «Aqueles [os réprobos] receberão com o Diabo o suplício eterno» Dz 429; cf Dz 40, 835, 840.

A Sagrada Escritura coloca muitas vezes em relevo o caráter "eterno" das penas do inferno, pois nos fala de «eterna vergonha e confusão» (Dn 12,2; cf Sb 4,19), de «fogo eterno» (Mt 18,8;25,41); de «suplício eterno» (Mt 25,46) e de «ruína eterna» (2Tess 1,9); O epíteto «eterno» não pode ser entender-se no sentido de uma duração muito prolongada, mas ao final de contas limitada. Assim o provam os lugares paralelos que se fala de «fogo inextinguível» (Mt 3,12; Mc 9,42,46). E igualmente o evidencia a antítese «suplício eterno» e «vida eterna» em Mt 25,46. Segundo o Ap 14,11(19,3) «o fumo do seu tormento [do condenado] subirá pelos séculos dos séculos», isto é, sem fim; (cf Ap. 20,10).

A «restauração de todas as coisas» da que se nos fala em At 3,21 não se refere à sorte dos condenados, mas à renovação do mundo que terá lugar com a segunda vinda de Cristo.

Desigualdade do sofrimento dos condenados

A quantidade da pena de cada um dos condenados é diversa segundo o grau diverso da sua culpa. (sentença comum)

Os concílios de Lyon e Florença declararam que as almas dos condenados são afligidas com penas desiguais. Dz 464,493.

Jesus ameaça os habitantes de Corozain e Betsaida assegurando que por sua impenitência hão de ter um castigo muito mais

severo que os habitantes de Tiro e Sidon; Mt 11,22; Lc 10,12-15. Os escribas terão um juízo mais severo; Lc 20,47. Ver também Lc 12,47-48 ; Jo 19,11 ; Tg 3,1

S. Agostinho ensina-nos que ***“a infelicidade será mais suportável a uns condenados do que a outros»*** (Enchir. III).

A justiça exige que à magnitude do castigo corresponda à da gravidade da culpa. E Deus, como diz S. Pio X, "premeia os bons e castiga os maus porque é Justiça Infinita".